

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

3

VERBO

*Edição realizada
sob o patrocínio da*

SOCIEDADE CIENTÍFICA
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Direcção

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

ANÍBAL PINTO DE CASTRO
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

MARIA DE LOURDES A. FERRAZ
(da Faculdade de Letras — Universidade Clássica de Lisboa)

GLADSTONE CHAVES DE MELO
(da Faculdade de Letras — Universidade Federal do Rio de Janeiro)

MARIA APARECIDA RIBEIRO
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

Secretaria-Geral

A cargo do
Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo
sob a direcção de João Bigotte Chorão

NEOPLATONISMO

Da essência dinâmica do pensamento de Platão decorreu o desígnio de renovar a sua filosofia, que encontrou os primeiros representantes de relevo na cidade de Alexandria (a partir do séc. IV a. C.), apostados na sua integração sincrética com diversas componentes da filosofia antiga e com experiências religiosas pagãs, orientais, judias e cristãs. Se esta é uma das mais conhecidas vertentes do neoplatonismo, ela não é, porém, a única. Durante a Idade Média, a influência de Platão reflecte-se vivamente na doutrina dos Padres da Igreja, em especial em Sto. Agostinho. No séc. XV, por sua vez, o círculo de intelectuais que se reúne em torno da corte dos Medici opera uma leitura dos textos de Platão e dos neoplatónicos à luz dos novos ideais renascentistas. Marsilio Ficino traduziu as obras de Platão, os escritos herméticos, Plotino, Porfírio, Atenágoras, Iâmblico, Proclo e os hinos órficos. E ainda hoje não é possível interpretar profundamente Bergson ou Heidegger à margem do pensamento do fundador da academia. É em função desta fecundidade que melhor podemos compreender que, apesar de o

N. ser uma corrente do pensamento filosófico, a sua intersecção com códigos literários de valor epocal tenha assumido tão vastas repercussões, em todas as literaturas. Bem o ilustra o caso português.

Na Baixa Idade Média, o ideário de Santo Agostinho e de S. Jerónimo, associado ao pensamento cisterciense de Bernardo de Claraival, são largamente divulgados nas escolas episcopais e conventuais, sendo também estudados em vários *scriptoria*, com relevo para Santa Cruz de Coimbra e Alcobaça. Teria sido no ambiente deste mosteiro que foram escritos, por mão anónima, entre finais do séc. XIV e inícios do séc. XV, *O Bosco Deleitoso* e *O Orto do Esposo*, dois tratados onde *visio* e *exempla* são colocados ao serviço da apologia de um espiritualismo místico.

Mas o vasto impacto de que o pensamento neoplatónico desfrutará, no panorama das letras do séc. XVI, tanto no âmbito da tratadística como no do lirismo amoroso, parece ser já prenunciado quer pela citação do *Fédon*, na *Tragedia de la muy insigne reyna Doña Isabel*, de D. Pedro, o *Condestável*, que é feita em função de pressupostos que se aproximam da vertente socrática, quer pela defesa da prevalência do «querer grande» sobre o desejo levado a cabo pelo conde do Vimioso, numa composição recolhida no *Cancioneiro Geral*. Aliás, a teoria da imitação, pedra basilar de todo o labor do escritor quinhentista, ao incidir sobre a relação entre modelo e cópia, decorre de fundamentos epistemológicos de teor neoplatónico. É neste âmbito que se insere a questão do horacianismo. Mas recordem-se, além disso, os reflexos desse princípio noutros campos artísticos, com relevo para a teoria estética exposta por Francisco de Holanda, a partir da categoria de ideia, no *Tratado da Pintura Antiga*.

A assinatura de um Diogo Brandão (quicá o colaborador no *Cancioneiro* de Garcia de Resende) aposta ao exemplar das *Epístolas* de Ficino (Nuremberga, 1497) que se encontra guardado na Biblioteca Municipal do Porto, ou a marca de posse de Álvaro Gomes que figura na tradução ficiniana dos *Platonis opera* (Paris, 1518) conservados na Biblioteca

Geral da Universidade de Coimbra, sugerem o interesse dispensado pelos intelectuais portugueses da época ao *alter Plato* florentino. João de Barros, na *Rópica pñefma*, e Belchior Belago e Hilário Moreira, nas suas orações de sapiência, mostram-se familiarizados com os seus escritos. Se Frei António de Beja, ao condenar a astrologia, no tratado *Contra os Juízos dos Astrólogos*, segue largos passos de um outro famoso expoente do N. florentino, Pico della Mirandola, Álvaro Gomes, no *Tratado da Perfeição da Alma*, mostra-se crítico relativamente a Ficino, em virtude da forma como conhece a magia e o domínio do oculto. O que não o impede de, em muitos outros passos, invocar a sua autoridade, fazendo prevalecer a opinião de Platão sobre a de Aristóteles. Na verdade, ao longo deste século o N. exerceu, directa ou indirectamente, vastíssima influência sobre uma produção em prosa que desenvolveu temas e abrangeu géneros literários muito diversificados, tendo por denominador comum o propósito de conciliar o pensamento neoplatónico com a doutrina católica. Assim se compreende o interesse suscitado pela actividade da academia florentina.

Por sua vez, Camões teria conhecido não só a teoria acerca do amor elaborada por Marsilio Ficino como também os escritos de Plotino, divulgados através da tradução do *alter Plato*. Na ode VI, o amor é apresentado como um desejo intenso que se manifesta no plano da empíria, susceptível, porém, de ser canalizado em sentido perfectivo. Neste âmbito, Pero de Andrade Caminha confere particular importância à percepção visual, em conformidade com a teorização amorosa consignada pelos tratados de Bembo, Castiglione e Leão Hebreu. A difusão do N. amoroso, que anda intimamente associada ao *petrarquismo*, teria implicado exageros tais que Camões, no *Filodemo*, ironiza a propósito do confronto entre os apologistas do amor «pela passiva» e aqueles que defendem, pelo contrário, o amor «pela activa».

Apesar de, ao longo desta centúria, os reflexos literários do N. manterem íntimas relações com o plano religioso (António Ferreira concilia o exemplo dos

auctores com a lição dos Padres da Igreja; Camões, em «Sôbolos rios», concebe a resolução do dissídio que o atormenta mediante a ascensão até ao divino), entre finais do séc. XVI e inícios do séc. XVII a associação dessa corrente de pensamento à doutrina cristã irá dar lugar a um destacado filão da poesia maneirista consagrado ao divino. Assinalem-se, no plano da prosa, os tratados de Frei Amador Arrais e de Frei Heitor Pinto.

No séc. XVII, o grande prestígio de que goza a obra de Aristóteles tem por contraponto o menor interesse dispensado ao pensamento neoplatónico, o qual, todavia, continua a ser associado a certos domínios da expressão amorosa e da teoria pedagógica. No Romantismo, esse ideário voltará a ser alvo de uma renovada atenção, à luz de um sincretismo em cujo âmbito avultam componentes de ordem idealista. Quando, em finais do séc. XIX, Antero de Quental escreve um dos mais vigorosos ensaios filosóficos concebido por um escritor português, o *Ensaio sobre as Tendências Gerais da Filosofia na Última Metade do Século XIX*, o problema da criação será já colocado em correlação com o dinamismo do ser em potência, a partir de uma perspectiva antropocêntrica. Os últimos poemas de Antero serão inspirados por esta doutrina.

Entre finais do séc. XIX e inícios do seguinte, o N. deixa marcas indeléveis na produção de decadentistas e simbolistas, para se projectar sobre muitos aspectos da actividade literária do séc. XX. Valham por todos os nomes de Teixeira de Pascoas e de Fernando Pessoa. Do primeiro, que recebeu grandes estímulos de Antero, recorde-se a dualidade entre a vida, na sua interioridade dinâmica, e uma exterioridade imposta pelo convencionalismo social. Do segundo, o contraponto irresoluto entre realidade e ficção, emblematizado pela heteronímia, e que levará o poeta, dos caminhos da teosofia e do misticismo, até ao messianismo.

BIBLIOGRAFIA: A. Moreira de Sá, «Introdução» a Álvaro Gomes, *Tratado de Perfeição da Alma*, Univ. de Coimbra, 1947; Mário Martins, *Correntes da Filosofia Religiosa em Braga dos Sécs. IV a VII*, Braga, 1950; G. M. Cruz Pontes, *Estudo para Uma Edição Crítica do Livro da Corte Emperial*, Univ. de Coimbra, 1957; Edward Glaser, «Introducción»: Fray Héctor Pinto, *Imagen de la vida cristiana*, ed.

e notas de E. G. Barcelona, Juan Flores, 1967; Manuel Antunes, «O platonismo de Fernando Pessoa», in *Grandes Contemporâneos*, Lx., 1973; A. Llinares, «Platon et Aristote dans les dialogues de Heitor Pinto», in *Actes du XVI colloque international de Tours*, Paris, 1976; José V. de Pina Martins, *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les deux regards de Janus*, 2 vols., Lx., Paris, 1989; Rita Marnoto, *O Petrarquismo Português do Renascimento e do Maneirismo*, Univ. de Coimbra, 1997.

Rita Marnoto